Do medievo à modernidade: Um estudo de como a mnemotécnica se manifesta na arquitetura de mosteiros beneditinos.

Palavras-Chave: Mosteiro, memória, projeto.
Órgão de financiamento: PIBIC/CNPQ

Autores:
ISADORA LUÍZA ROBLES PATRÍCIO, FECFAU – UNICAMP
Prof. Dr. WILSON FLORIO (orientador), IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa se voltou, primeiramente, para o estudo de como técnicas de memorização, muito empregadas durante a Idade Média, se manifestaram na arte e na arquitetura de mosteiros beneditinos. Porém, além da busca pelo entendimento de como esse recurso era utilizado para a transmissão de conhecimentos, numa época em que grande parte da população não tinha acesso à educação, buscou-se também entender o papel dessa cultura mnemônica em projetos modernos, frutos de uma sociedade já mais racional e tecnológica.

Logo, partindo-se dos pilares da Ordem beneditina, de exemplares arquitetônicos chave, sejam eles pré-modernos ou modernistas, e de estudos sobre as técnicas de memorização mais empregadas durante o medievo, esta pesquisa procurou entender como a lógica projetual dos edifícios monásticos se comportou ao longo das gerações e o seu papel para a contínua construção da cultura do ocidente que conhecemos hoje.

METODOLOGIA:

A pesquisa adotou o método de análise bibliográfica e gráfica para nortear a investigação dos projetos. Por conta do menor prazo para seu desenvolvimento (7 meses), o cronograma constituiu-se pelas seguintes etapas:

1ª. Etapa: Levantamento bibliográfico, leituras programadas, realização de resumos e identificação dos conceitos a serem analisados nos projetos;

2ª. Etapa: Análise dos desenhos presentes nas bibliografias para a interpretação de cada programa arquitetônico;

3ª. Etapa: Realização de eventuais redesenhos dos projetos estudados;

4ª. Etapa: Estabelecer comparativos entre elementos arquitetônicos e construtivos, tipologia e partido arquitetônico dos exemplares estudados;

5ª. Etapa: Elaboração da monografia, contendo as análises e diagramas com os resultados obtidos, além da discussão e conclusões finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A Regra de São Bento, escrita no século VI, é um dos pilares da espiritualidade monástica ocidental. Seu autor, São Bento de Núrsia, propôs uma vida de equilíbrio entre oração e trabalho - o famoso lema "*ora et labora"* [13]. A Regra não é apenas um conjunto de normas religiosas, mas, também, um manual de formação espiritual e comunitária, que valoriza a obediência e a construção da fé por meio de ações concretas no cotidiano.

Essa espiritualidade prática se manifesta na organização rigorosa da vida no mosteiro, pois São Bento prescreveu horários específicos para leitura, oração e trabalho manual, como se vê no capítulo "Sobre o trabalho manual cotidiano" [13]. Essa filosofia, onde a fé não é apenas contemplação, mas também ação disciplinada, se reflete na arquitetura beneditina, que, embora não tenha um programa arquitetônico rígido descrito na Regra, desenvolveu ao longo dos séculos um modelo funcional e simbólico.

Essa mesma lógica de prática metódica encontra eco no exercício de técnicas mnemônicas dentro dos mosteiros medievais. Baseadas, sobretudo, na organização lógica do conhecimento, essas metodologias de memorização exigiam dos estudiosos uma rotina de disciplina e silêncio, visto que a raiz de algumas delas era a abstração de cenários mentais. Marry Carruthers, em sua obra intitulada "O Livro da Memória", defende que a sociedade pré-moderna era fortemente memorial, e nos mosteiros, de maneira especial, havia um exercício contínuo de recordação atenta dos textos bíblicos:

> *"Sustento que a cultura medieval era fundamentalmente memorial, no mesmo e profundo grau que a cultura moderna no Ocidente é documental. Essa distinção certamente envolve tecnologias - mnemotécnica e imprensa – mas não está restrita a elas. Ora, a valorização da memória persistiu ainda por muito tempo depois que a própria tecnologia do livro havia mudado ... em uma cultura memorial, um livro é somente uma forma entre várias outras de lembrar um 'texto' de abastecer e preparar a memória de uma pessoa". (CARRUTHERS, 2008, p. 28)*

Dentre as técnicas de memorização empregadas na época, que a autora apresenta, a “Mnemônica arquitetural” ou “Memória hereniana”, se configurava como um exercício onde se associam conteúdos que se pretende memorizar com determinadas localizações ordenadas, sejam elas físicas ou psicológicas. Essa metodologia de memorização de cenários, exigia a fuga de lugares lotados - algo que os claustros, por exemplo, não eram - além da iluminação e a extensão controlada dos *loci* (objetos que despertam uma ou mais lembranças), para que o arranjo mental das imagens não se tornasse vago.[5]

Assim, é possível inferir que a arquitetura detinha uma importância estratégica para a formação de memórias e, no caso dos mosteiros, ela era um recurso a mais para a internalização de conhecimentos, pois sendo o principal ambiente de circulação de livros, filosofias e ideias do período medieval, espaços como o claustro, a biblioteca e o oratório, se tornaram locais de memória, projetados para reforçar os valores espirituais e intelectuais da comunidade. Logo, inseridos dentro dessa lógica, os mosteiros beneditinos possuem uma lógica de distribuição e ornamentação espacial que incentiva a natureza memorial de seus projetos.

Há cerca de quatorze fundações monásticas fundadas diretamente por São Bento ou por sua determinação, porém, são quase ausentes as descrições espaciais desses originais. Pertencente a esse grupo, o mosteiro de Monte Cassino, fundado em 529, é o que possui um histórico mais conhecido, no entanto acabou sendo alvo de quatro ataques, que acabaram forçando sucessivas intervenções de restauro em sua estrutura. Sendo assim, diante da ausência de vestígios significativos desses primeiros monastérios e da vasta expansão da ordem pela Europa – que acabou colaborando para a experimentação de diversas tipologias adaptadas à cada região, sobretudo nos séculos VII e VIII – pode-se dizer que a solução espacial mais clara e permanente de um mosteiro beneditino é o Plano de São Galo, desenhado no início do século IX.[16]

O mosteiro ideal, apresentado nessa planta, é um espaço autossuficiente, com igreja, *scriptorium,* refeitório, dormitórios, hortas, oficinas e bibliotecas*,* todos organizados em torno do claustro[16]. Logo, percebendo que a solução adotada estabelece duas macroáreas - uma destinada à vida de reclusão e outra conectada ao mundo exterior - torna-se possível afirmar que tal solução entende que o programa arquitetônico mínimo beneditino deve prever tanto um ambiente que, em essência, simboliza o mundo interior do monge, onde os membros da comunidade interagem entre si e se aproximam mais das fontes de conhecimento, quanto outro que, vez ou outra, estimula o contato dos monges com a civilização no entorno, onde eles podem executar os trabalhos práticos previstos na regra.[16]

Tal estratégia se mostrou tão eficaz que ultrapassou os limites da ordem beneditina, sendo reinterpretada em diferentes contextos históricos e culturais ao longo dos séculos. O Convento de La Tourette (1960), projetado por Le Corbusier (1887-1965), e o Mosteiro de São Bento de Vinhedo (1972), de Hans Broos (1921-2011), são dois exemplos dessa continuidade: embora possuam uma linguagem formal radicalmente distinta, mantém o princípio de organização em torno de um núcleo central, evocando o claustro tradicional. Como pode ser observado nas figuras abaixo, o caráter inovador dos exemplares modernos se sustenta no minimalismo das ornamentações, em que o peso visual dos materiais construtivos se destaca e jogos de luz e sombra se tornam o principal recurso dramático dos ambientes em si.

Imagens 1,2. Interior e exterior da capela do Mosteiro de São Bento, em Vinhedo (SP). Fotografias da autora (2025).

CONCLUSÕES:

Visto que a lógica espacial monástica foi mantida ao longo dos séculos, é possível afirmar que os mosteiros preservaram não apenas uma forma arquitetônica, mas também uma função simbólica e pedagógica profundamente enraizada na tradição ocidental. Mesmo com o advento do movimento moderno, por exemplo, a essência do modelo beneditino, pautada pela centralidade do claustro, setorização funcional e pela criação de ambientes que favorecem o silêncio, a introspecção e a contemplação, continua estruturando um modelo que organiza o espaço para favorecer a memória, a disciplina e a interiorização do conhecimento.

E, além de sustentar a vida espiritual e intelectual dos monges, o modelo monástico beneditino também serviu de base para a arquitetura acadêmica, uma vez que as universidades e escolas do mundo ocidental possuem raízes nos monastérios medievais. Nesse sentido, tal lógica projetual pode ser discutida como referência para o desenvolvimento

de sistemas arquitetônicos voltados à estimulação cognitiva, especialmente em contextos contemporâneos. Ao favorecer a organização mental por meio da espacialidade, como propõe a mnemônica arquitetural, esse tipo de arquitetura pode contribuir para a preservação da memória, reafirmando seu valor atemporal e sua relevância para os desafios atuais.

BIBLIOGRAFIA

[1]ARRUDA, Valdir. **Tradição e renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

[2]BAKER, Geoffrey H. **Análisis de la forma.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1991.

[3]BANHAM, Reyner. **El brutalismo en arquitectura: ética ou estética?** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1966.

[4]BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

[5]CARRUTHERS, Marry. **O livro da Memória: Um estudo sobre a memória na cultura medieval.** 1ª edição em português. Setembro de 2022, CEDET. ISBN-10: 6587404596. ISBN-13: 978-6587404592.

[6]CHING, Francis D. K. **Architecture: form, space & order.** New Jersey: Wiley, 2015.

[7]CLARK, Roger H.; PAUSE, Michael. **Arquitectura: temas de composición.** Barcelona: Gustavo Gili, [s.d.].

[8]DAUFENBACH, Karine. **Hans Broos: a expressividade da forma.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

[9]FLORIO, Wilson; TAGLIARI, Ana. **Modelagem e animação para análise de espaços em projetos não construídos**. PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção, v. 7, p. 61-74, 2016.

[10]FRAMPTON, Kenneth. **A genealogy of modern architecture: comparative critical analysis of built form.** Zurich: Lars Müller Publishers, 2015.

KRIER, Rob. **Elements of architecture.** London: Academy Editions, 1992.

[11]LASEAU, Paul; TICE, James. **Frank Lloyd Wright: between principle and form.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1992.

[12]LIMA, André Luís de; GRAD, Guilherme Freitas; SERRAGLIO, João. **Hans Broos: memória de uma arquitetura.** São Paulo: Edição do Autor, 2018.

[13]**Regra de São Bento.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regra_de_S%C3%A3o_Bento. Acesso em: 20 de julho de 2025.

[14]SONDA, Laíde Inez. **Igrejas do modernismo e Vaticano II: espaços de (comum) união.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

[15]TAGLIARI, Ana; FLORIO, Wilson. **Métodos de análise gráfica: estudo da circulação, percurso e movimento no projeto de arquitetura.** Revista Educação Gráfica, v. 23, p. 351-370, 2019.

[16]XIMENEZ, José Marcelo Tonini. **A planta da arquitetura monástica e a regra dos beneditinos: séculos VI a XII.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

[17]ZEIN, Ruth Verde. **A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.